


A História volta à Memória: as conferências do Curso Capistrano de Abreu de 1953

The History returns to Memory: the conferences of Capistrano de Abreu Course in 1953



RODRIGUES, Matheus Cavalcanti*

 <https://orcid.org/0000-0002-4874-3159>

RESUMO: Esse estudo se volta ao clássico tema das tensões, encontros, desencontros e reencontros da história com a memória e se orienta por algumas das reflexões desenvolvidas por Michael Pollak, Pierre Nora e Jacques Le Goff. A análise se detém sobre quatro conferências do Curso Capistrano de Abreu, evento promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1953, ano do centenário de nascimento do autor homenageado. O Curso se perfez com uma série de conferências pronunciadas por autoridades intelectuais do cenário acadêmico e político brasileiro. Nesse artigo se investigam algumas das formas retóricas usadas por quatro dos conferencistas do Curso no sentido de criarem um quadro de memória totalizante de Capistrano de Abreu enquanto um modelo de excelente historiador. Se verifica que os discursos analisados são esforços de memória. Como tal, geram efeitos de totalização da imagem de Capistrano de Abreu sob o rótulo de historiador. Disso decorre também a hierarquização das áreas de conhecimento às quais Capistrano se devotou. Nessa hierarquia construída pela retórica memorialística, a história ganha o lugar principal como catalisadora da existência do homem Capistrano.

ABSTRACT: This study focuses on the classic theme of tensions, encounters, disagreements and reunions between history and memory and is guided by some of the reflections developed by Michael Pollak, Pierre Nora and Jacques Le Goff. The analysis focuses on four conferences of the Capistrano de Abreu Course, an event promoted by the Brazilian Historical and Geographic Institute (IHGB) in 1953, the centenary year of the birth of the honored author. The Course was completed with a series of conferences given by intellectual authorities from the Brazilian academic and political scene. This article investigates some of the rhetorical forms used by four of the Course's lecturers in order to create a totalizing memory picture of Capistrano de Abreu as a model of an excellent historian. It appears that the speeches analyzed are memory efforts. As such, they generate effects of totalizing the image of Capistrano de Abreu under the label of historian. This also results in the hierarchization of the areas of knowledge to which Capistrano devoted himself. In this hierarchy constructed by memorialistic rhetoric, History takes the main place as a catalyst for the existence of the Capistrano man. All other areas of knowledge, with emphasis on geography, literature, ethnography and

* Especialista em Metodologia do Ensino de História pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – ES (FAVENI). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Professor nos cursos de Licenciatura em História e Bacharelado em Direito do Centro de Ensino Superior de Arcoverde – PE (CESA). Bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: matheuscavalcantiicm@hotmail.com. O presente artigo é parte da redação, ainda em progresso, da dissertação de mestrado do autor.



Todas as demais áreas de conhecimento, com destaque para a geografia, a literatura, a etnografia e a linguística, são postas em plano secundário.

linguistics, are placed on a secondary level.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Capistrano de Abreu; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Curso Capistrano de Abreu.

KEYWORDS: Memory; Capistrano de Abreu; Brazilian Historical and Geographic Institute; Capistrano de Abreu Course.

Recebido: 06/03/2024

Aprovado: 21/05/2024

O Curso e sua abertura

Em 1953 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) organizou o Curso Capistrano de Abreu, evento realizado entre os meses de setembro e outubro. O Curso estava imiscuído em um movimento maior, a saber, a comemoração do centenário de nascimento de João Capistrano de Abreu, ocorrido na província do Ceará, em 23 de outubro de 1853. O *IHGB* não fora a única agremiação ou entidade a tomar parte. Junto a ela estiveram a *Sociedade Capistrano de Abreu*, fundada por amigos e discípulos por volta de um mês após a morte do autor homônimo, o *Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, a *Biblioteca Nacional*, o *Instituto Histórico do Ceará*, a *Universidade de São Paulo*, e mesmo a *Câmara dos Deputados* e o *Senado Federal*. Instituições de envergadura estadual e nacional se converteram em palco de enunciação da grandeza de um homem. Este já consagrado como historiador excelente da Pátria desde a época em viveu no Rio de Janeiro como jornalista, professor e pesquisador.

A observação anterior, de que Capistrano já era consagrado como excelente historiador da Pátria há bastante tempo¹, não implica a inocuidade da ratificação desse discurso no Curso de 1953. Em outras palavras, mesmo já havendo uma memória estabelecida que vinculava o homem Capistrano de Abreu ao estudo da História Pátria, não

¹ A consideração de Capistrano como modelo de bom historiador pode ser verificada ainda durante sua vida em diversos textos críticos. A exemplo, o texto de José Veríssimo publicado no *Jornal do Comércio* em 16 de setembro de 1907 e replicado na Revista da *Academia Cearense de Letras* no seu tomo XV de 1910. Nele, Veríssimo constrói uma narrativa que procura demonstrar o estado deficiente da história escrita no Brasil antes de Capistrano e como os métodos modernos de pesquisa histórica por ele importados de autores franceses e alemães trouxeram ganhos para a História do Brasil. Destaca em Capistrano algumas qualidades que são inerentes ao historiador moderno: “[...] o facto que citamos prova o escrupuloso cuidado, que é a probidade do historiador, posto pelo Sr. Capistrano de Abreu nas suas investigações [...]” (Veríssimo, 1910, p. 210).

se anulam os efeitos de novos esforços de memória que serviram à reafirmação do já dito. A maior prova disso é a própria consumação do evento promovido pelo IHGB, que contou com a confluência de personalidades importantes do mundo das letras e da política brasileira, a exemplo dos conferencistas José Honório Rodrigues e Arthur César Ferreira Reis, e dos espectadores general Cândido Mariano Rondon e Maurício de Castro. O Curso, considerado como um acontecimento e, portanto, dotado de existência, além de concretizado materialmente, foi o resultado de intenções humanas e institucionais historicamente identificáveis. Significa que os homens e mulheres partícipes sentiram a necessidade de tornar real para eles mesmos e para a posteridade a comemoração do nome Capistrano de Abreu e de suas contribuições para a vida intelectual no Brasil. Sentiram a necessidade de rememorar, ou dar nova vida à memória sobre o homenageado, não tendo como suficientes os esforços no mesmo sentido já perpetrados anteriormente. Estamos diante, então, de um esforço de revitalização de memória.

No entanto, reforjar uma memória sobre Capistrano de Abreu em 1953, nos salões prestigiosos do *IHGB*, não era mero exercício de repetição. Uma nova camada de memória capistraniana implicava novos empreendimentos de ordem material e discursiva. Nos ateremos com mais vagar naqueles investimentos da ordem do discurso. Antes, porém, é interessante notar um investimento material que também contém um discurso, este cravado em metal.

Na ocasião do Curso, o *IHGB* providenciou a feitura de uma moeda comemorativa. Esta continha elementos iconográficos que diziam da representação pretendida acerca do homem e de sua história. No anverso da moeda, estava cunhado o homem, no verso, estava resumida sua história. Naquele, o busto de Capistrano em perfil marcava, quiçá para sempre, a imagem de quem se queria lembrar. Aquele era o homem que importava não esquecer. E em seu busto estava demonstrada sua feição de alguém real, feito de carne e ossos, que viveu como homem e entre homens. Mais que isso, alguém que, pelo que fez, mereceu a testemunha de sua grandeza digna de observação. Todavia, tal ato de observação não estava indefinidamente destinado a todo e qualquer observador. É o que se percebe ao virar a moeda. Eis que surge Clio, musa da história, ladeada por um mapa territorial do continente sul-americano, no qual se destaca o Brasil, no qual se destacam os estados do Ceará e do Rio de Janeiro. Uma lição de como fazer caber a vida inteira de um indivíduo no espaço reduzido

do verso de uma moeda. De como dizer, de maneira incrivelmente sucinta, de onde alguém veio, o que fez enquanto teve fôlego, a que se dedicou e porque se notabilizou.

A moeda carregava em si o tipo de observador que ela pretendia cativar. Seu alvo preferido. Ela falava a uma comunidade específica. A saber, a comunidade dos historiadores. Afinal, quem mais fora desse pequeno mundo disciplinar poderia entender as representações no pequeno objeto? Apenas o historiador disciplinado pela história de sua disciplina decodificaria tais símbolos. E o bom historiador os decodificaria fácil e ligeiramente, com um tipo de sagacidade circunscrita a um coletivo de indivíduos conscientes de suas ligações uns com os outros. Ora, sendo a memória “socialmente construída” (Pollak 1989, p. 207), ela demanda esforço coletivo mais ou menos consciente. A memória coletiva dos historiadores se faz pelos historiadores e erige personagens para integrarem o grupo dos memoráveis nos domínios de Clio. Tal operação tem alguns propósitos disfarçados e funcionalidades assumidas. A começar pelo despertar de uma aura de sentimentos de pertencimento (Pollak, 1989, p. 207), subjetivamente manifestos, e que provocam uma certa coesão interna ao coletivo, cujos efeitos são objetivados por estratégias várias. A moeda, no caso aqui estudado, é fruto de um trabalho de objetivação dos sentimentos coletivos inerentes aos dedicados à Clio. Algo como um bem subjetivo, privado de significado fora do núcleo pensante que o concebeu. A semântica numismática está dada no seu nascedouro e finca as fronteiras de sua eficácia. Além dos domínios de Clio, não há vida para aquela moeda.

O efeito de totalidade e univocidade das percepções é resultado da totalidade e univocidade expressas na moeda encomendada pelo IHGB. Trata-se de um cálculo de memória, onde harmoniza-se um produto primário (a moeda) para conseguir a harmonização de um produto secundário (a compreensão da comunidade). Não há, dentro do quadro de memória metálico, espaço para interpretações concorrentes ou sequer dissonantes. A interpretação está dada. Resta compreender. O esforço de memória materializado ostenta a busca pela onipresença da representação corporativa. Só existe uma maneira de enxergar Capistrano de Abreu, peremptoriamente sob a bênção de Clio.

A exposição sobre o simbolismo cravado na moeda tem seu sentido na argumentação de que alguns dos discursos proferidos durante o Curso Capistrano de Abreu objetivaram totalizar a memória sobre o homenageado sob o cunho da História. Para tanto, estabeleceram concorrência retórica entre a História e outros campos de conhecimento na

vida e obras de Capistrano. A moeda pode ser interpretada como prenúncio desse jogo de discursos. Ela afirma Capistrano como patrimônio de Clio, tal como os conferencistas analisados nesse artigo o farão em suas aulas no Curso.

A dimensão retórica se destaca como viés importante em três das quatro conferências selecionadas nesse estudo. Se entende por dimensão retórica o encadeamento de palavras, frases e ideias num texto que procura estabelecer um sentido coerente e uma lógica de persuasão revestida por explicações mais preocupadas com a estética que com a ética. A estética escolhida para o Curso era a do Capistrano-historiador. Em favor dessa imagem póster, se marginalizam ou se omitem as relações que Capistrano, em vida, nutriu com outros campos do saber como a geografia, a etnografia e a linguística. Essa marginalização ou omissão se constituem em atentado contra a ética analítica. Isso porque a imagem do Capistrano-historiador construída nos discursos não é compatível com a prática de pesquisa e escrita desenvolvida por Capistrano em seus trabalhos. Em suma, a prática intelectual do homem Capistrano não implicava hierarquia entre os campos do saber, como sugerem as conferências. O confronto entre as formas retóricas dos discursos e essa prática estará colocado nas análises que se seguem.

Importa acentuar dois aspectos do conceito de enquadramento da memória, tal como delineado por Pollak (1989). Um, que tal processo nunca é ilimitado. Outro, que não há nele tolerância para a arbitrariedade humana. Dito de outro modo, todo quadro de memória tem limites e justificação, não podendo ser mera invenção aérea de um grupo bem ou mal-intencionado. O enquadramento requer respaldo do real e do concreto, seja qual for a concepção de real e de concreto que o respectivo grupo preze. Os limites para o enquadramento estão no próprio grupo, conservados por tradições que possibilitam ou impedem completamente certas representações sobre o objeto/sujeito memorado. Muitas afirmações sobre Capistrano de Abreu poderiam ser levantadas, mas só aquelas fidedignas ao grupo permanecem constituintes do quadro consagrado. A fidedignidade também não é igual à veracidade. Para fins de memória, nem tudo que é verdadeiro faz parte do produto final. Daí a seletividade da memória, que corta e recorta o real e o edita em uma conformação suportável. É premente que o grupo suporte o quadro de memória como seu patrimônio exclusivo. Disso resultam distorções, hierarquizações e estratégias de memória que não mentem, mas escamoteiam ou “esquecem”.

Nem tudo é dito, mas tudo é mostrado. Tudo que importa, ao menos.

O trabalho de justificação da memória sobre Capistrano permeia todos os discursos proferidos por ocasião do Curso. Foram, ao todo, oito conferências, pronunciadas por Rodrigo Octavio Filho, Barbosa Lima Sobrinho, Gustavo Barroso, Múcio Leão, Arthur Cezar Ferreira Reis, José Honório Rodrigues, Mozart Monteiro e Honorina de Abreu Monteiro, esta última neta de Capistrano. Não obstante a diversidade de abordagens, algumas analisando principalmente a personalidade multifacetada do autor cearense, outras interpretando sua obra à luz de esquematismos disciplinares, existem certas ênfases transversais à maioria das conferências. A de maior interesse nessa análise será a ênfase ao Capistrano-historiador.

Nesse sentido, a hipótese que guia esse estudo é a de que tal destaque desencadeou esforços de memória hierarquizadores das áreas de conhecimento exploradas pelo autor. Outrossim, criou uma esfera do “indizível” (Pollak, 1989), na qual estariam certas afirmações proibidas de serem feitas em referência a Capistrano. Caberá mostrar como se constrói, no Curso de 1953, a esfera do dito e do enfatizado no que tange ao Capistrano-historiador. Adicionou-se ao “dito”, tal como formulado por Pollak (1989), o “enfatizado”. Esse segundo particípio foi pensado pelo autor dessa pesquisa por considerar o “dito” insuficiente em face ao objeto de análise. Capistrano-historiador não é, simplesmente, “dito” ocasionalmente nas conferências do Curso. Existe em algumas delas uma construção retórica persuasiva que busca pôr em alto tom não o fato de Capistrano ter sido historiador, mas ter sido, acima de qualquer outra coisa, um excelente historiador. Logo, não bastou dizer, foi preciso enfatizar esse aspecto da vida e obras de Capistrano, o que custou a marginalização de discursos concorrentes, potencialmente causadores de tensões de memória.

A seleção de quatro conferências do Curso para a análise, além da conferência de abertura, se justifica pelo juízo de que nelas se verifica notadamente o fenômeno retórico que é alvo de investigação desse estudo. Ou seja, nelas principalmente se acentua o esforço de hierarquizar os campos de conhecimento enveredados por Capistrano de Abreu e dar à história o lugar central num quadro de memória que marginaliza a geografia, a etnografia, a linguística, a literatura. Nas conferências de Mozart Monteiro, Barbosa Lima Sobrinho e Múcio Leão prevalece a estética em detrimento da ética analítica e o plano memorialístico-comemorativo se superpõe ao teórico-metodológico. Na conferência de José Honório

Rodrigues também se hierarquizam os campos e se privilegia a história, mas com argumentos sobretudo de ordem teórico-metodológica².

A esfera do “dito” começa a ser erigida no discurso de abertura do curso, proferido por José Carlos de Macedo Soares³, então presidente do IHGB:

João Capistrano de Abreu, um dos mais ilustres historiadores brasileiros, por temperamento e também por certas circunstâncias de sua vida, não apreciava as relações sociais, reduzindo o seu mundo ao lar e à convivência de seus amigos fraternais (CURSO..., 1953, p. 44).

Note-se a tendência, recorrente nas outras conferências do Curso, em falar sobre Capistrano de um ponto de vista intimista. O orador se põe como alguém detentor de conhecimento privilegiado sobre o sujeito/objeto de seu discurso. Conhecedor das características peculiares da personalidade que avalia. Autoridade incontestada, já que se dispensa de apresentar referências factuais que embasem suas assertivas. Mas isso não se deve mais à autoridade pessoal do senhor Macedo Soares que ao consenso coletivo em torno da figura de Capistrano. A ausência de dotes sociais no autor cearense é aspecto consagrado na sua representação por parte de contemporâneos. Era lugar cômodo para Macedo Soares asseverar esse aspecto, embora ele não fosse unanimidade entre os avaliadores da personalidade capistraniana. A legitimidade do discurso intimista está na partilha por todos os partícipes do Curso de uma memória já consagrada por uma série de discursos anteriores. A memória coletiva sobre Capistrano dispensava as burocracias de uma linguagem preocupada em embasar-se em argumentos empíricos. Bastava dizer o que já era sabido de longa data por todos que ouviam. Um exercício de rememoração que pode ser descrito como circular, pois o “dito” se torna ferramenta de catarse organizadora do “já dito” e do “já ouvido”. A palavra dita se justifica pela sincronia de lembranças do público ouvinte. Este é conhecedor e admirador de Capistrano, o que condiciona a fala do orador e o deixa

² O recorte feito para esse estudo dispensou as demais conferências do Curso (ao total foram oito) pois que nelas não se percebeu a presença, no discurso, de hierarquizações de áreas de conhecimento.

³ José Carlos de Macedo Soares, nascido em São Paulo em 1883 e formado em Ciências Jurídicas e Sociais em 1905, teve extensa carreira acadêmica e política. Presidiu o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) de 1939 a 1968. Foi também presidente da Academia Brasileira de Letras entre 1942 e 1943, da Sociedade Brasileira de Geografia entre 1945 e 1951, e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos períodos de 1936 a 1951 e 1955 a 1956.

confortável para repetir pomposamente informações clássicas como o suposto pouco apelo social de Capistrano. A palavra, aqui, não é criadora, é conformadora.

No excerto da conferência de Macedo Soares acima, repare-se o aposto que se insere logo após o nome do autor homenageado. Para explicar, resumir ou comentar João Capistrano de Abreu, Macedo Soares escolhe a expressão “um dos mais ilustres historiadores brasileiros”. Há pelo menos dois pontos a se destacar acerca disso. Um, que a forma dada ao homem Capistrano está condensada na sua designação de historiador. Eis o brevíário escolhido na construção memorialística do Curso. O tempo e as páginas para versar sobre Capistrano não são infinitas, e o Curso tem seus próprios limites materiais e logísticos. A demanda de sintetização do discurso não esteriliza a escolha por um quadro interpretativo unívoco. E antes mesmo de se apresentarem os argumentos para tal (o que se fará posteriormente durante o Curso), arvora-se a assertiva da excelência de Capistrano como historiador. Essa assertiva é premissa, antes de ser conclusão. Começa-se o Curso por ela, o que vem depois é, majoritariamente, confirmação. Não significa que a abertura de Macedo Soares exerceu influência sobre as conferências que se seguiram, mas cumpriu seu papel de apresentar, resumidamente, o objeto/sujeito do evento: Capistrano-historiador.

O segundo ponto é a convergência entre o tom intimista e a ênfase ao qualificador “historiador”. Os dois recursos retóricos aparecem juntos, compondo a mesma unidade sintática. O efeito dessa combinação é a “intimização” do quadro unívoco de memória. O ato de asserção de Capistrano-historiador emana da condição do ser anunciante de quem foi e continua sendo íntimo dele. Estratagemas que transmitem a sensação de que quem está adjetivando Capistrano como historiador excelente está respaldado pela proximidade pessoal com o mesmo. Conhece sua personalidade e seu trabalho intelectual, dando veredictos sobre as duas coisas com igual acurácia.

Esse aspecto pode ser visto como conciliação entre as alçadas do público e do privado. O público está colocado pelo aposto condensador, que reporta ao personagem nacionalmente reconhecido. Reconhecimento que ecoa no espaço e no tempo, atestado pela plateia presente no Curso. A figura pública do historiador, hipertrofiada como “ilustre”, se encaixa, no discurso, às observações de cunho íntimo, sintetizadores da vida privada que se publiciza pela proliferação de anedotas, homenagens e biografias.

A totalização da figura de Capistrano de Abreu como historiador excelente é produto de ações coletivas e individualizadas. O Curso, como uma coletividade de indivíduos, é o

lugar de memória material, simbólico e funcional (Nora, 1993) onde atores individuais, os conferencistas, definem os moldes de uma oratória de lembranças. Estas são coadunadas numa sofisticada estrutura sem grandes fissuras ou desequilíbrios. Elaboração rememoradora, circular e interminável. O arremate de todo o trâmite verbal é um monólito digno da atenção da comunidade de interessados pela História Pátria.

Ao evocar as reflexões de Pierre Nora (1993) quando trata dos lugares de memória, quer-se dar bom termo à análise da conferência de abertura de Macedo Soares. Por curta que tenha sido, ela fornece pistas para a compreensão dos propósitos e atmosfera do Curso. Após lembrar da familiaridade de Capistrano com a biblioteca do IHGB, na tentativa de legitimar a homenagem da instituição àquele homem, o orador revela o que constituirá o Curso Capistrano de Abreu:

É pois natural que, por ocasião da comemoração do primeiro centenário de seu nascimento, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro realize, no salão nobre, um curso em torno da figura de Capistrano de Abreu, no qual alguns sócios dos mais ilustres darão eruditas lições de História Pátria (CURSO..., 1953, p. 45).

Nesse excerto, pode-se identificar os três atributos dos lugares de memória conforme Nora (1993). O primeiro é o sentido material, que corresponde ao grau de concretude física do lugar de memória. Onde ele está nas palavras do presidente do IHGB é fácil apontar: “no salão nobre”. Nesse lugar de existência tangível e observável é que acontecem as conferências do Curso e onde a aura de rememoração se acampa. O artigo definido e o adjetivo nobiliárquico dão a centralidade do lugar, ao redor do qual estão as dependências menos nobres do IHGB concreto. É o espaço escolhido para realizar rituais de memória pessoal e disciplinar, donde surgem os dois outros atributos do lugar de memória, os seus sentidos simbólico e funcional.

O Curso está localizado, simbolicamente, “em torno da figura de Capistrano de Abreu”, na falta de sua presença física. O homem “real”, na significação corrente da palavra, é inacessível. Só é possível lidar com sua figura e todo um arcabouço mais ou menos coerente de simbolismos que a formam. A celebração da existência passada de um homem que já não o é precisa lidar com uma abstração coletiva. O conceito mais básico de símbolo é aqui assaz útil. Tirado do dicionário *Google* que se vale do *Oxford Languages*: “aquilo que, por convenção ou por princípio de analogia formal ou de outra natureza, substitui ou sugere

algo” (s.d.). No caso em questão, é por convenção que a figura pode substituir o homem Capistrano de Abreu. Os homens e mulheres “reais”, presentes no Curso (lugar), ao consentirem no direito de fala dos conferencistas convencionam uma figura representativa da materialidade que se foi. O símbolo, ou figura, é uma constelação de outros tantos símbolos ou figuras. São, analogicamente, pixels formantes de uma imagem total que é, como filme na tela de cinema, sucedida por outras diversas imagens, que acabam montando um roteiro temático cuja ordem cronológica, infelizmente, não é acessível. Isso porque a sequência das oito conferências do Curso não fica clara na *Revista do IHGB*⁴.

A comemoração do centenário de nascimento de Capistrano teve uma face pedagógica. Daí sua contribuição pragmática aos ouvintes e futuros leitores. O conteúdo a ser ensinado, contudo, não era somente o homenageado, sua personalidade ambígua, conquistas profissionais e feitos de pesquisador exemplar. Havia uma funcionalidade do Curso, assumida mais por uns conferencistas que por outros, que extrapolava as vicissitudes e qualidades do homem do qual evocavam memórias. A promessa de Macedo Soares em relação aos conferencistas que tomariam a fala era de que eles “darão eruditas lições de História Pátria”. Ora, fica patente a intenção pragmática e pedagógica do esforço de memória que então se assistia no IHGB. Lembrar sobre Capistrano de Abreu era aprender, mediado por ele e pelos que dele se apropriavam retoricamente, o que é e deve ser a História Pátria.

Nesse ponto, será novamente útil o dicionário *Google/Oxford Languages*. Na segunda definição do termo disponível na plataforma, símbolo é “pessoa ou personagem que se torna representativa de determinado comportamento ou atividade” (s.d.). No Curso, o personagem Capistrano de Abreu foi erigido como representativo do comportamento ideal do historiador por excelência.

A conferência de Mozart Monteiro

⁴ Algumas das conferências vêm acompanhadas, na *Revista do IHGB*, da sua respectiva data de realização, como é o caso daquela pronunciada por Múcio Leão em 30 de setembro de 1953. Outras conferências, como a de José Honório Rodrigues, não estão datadas, o que impossibilita o acompanhamento cronológico exato do Curso.

No volume 221 da *Revista do IHGB*, a conferência proferida por Mozart Monteiro⁵ carrega o título genérico de “Curso Capistrano de Abreu”. No entanto, a página inicial traz uma nota com informações interessantes. Primeiro que a conferência se realizou no dia 23 de outubro, correspondente à data de nascimento de Capistrano em 1853. A nota enfatiza esse dado com a seguinte expressão: “data do centenário do grande historiador” (CURSO..., 1953, p. 151). A intenção de memória, nesse caso, está ostentada num exercício de repetição simbólica da data natalícia do “grande historiador”, termo que substitui o nome do homem lembrado na ocasião. A nota ainda diz que a conferência “teve por tema Considerações sobre Capistrano de Abreu” (CURSO..., 1953, p. 151), o que não deixa de ser também um título genérico e vago. Mais significativo é que a conferência de Mozart Monteiro foi responsável por encerrar o Curso. Ocupando o lugar da palavra final no evento, ela parece ter sido um bom arremate para o trabalho de enquadrar Capistrano de Abreu entre as arestas sagradas demarcadas por Clio. Por isso ela será a primeira a ser aqui examinada.

Mozart Monteiro é ostensivo em sua retórica demarcatória de um lugar corporativo. Começa por atestar a existência de um campo da História, a partir do qual fala e em cujo território está o objeto/sujeito de sua fala. Nas suas palavras introdutórias, agradece o convite para pronunciar a conferência final do Curso. Confessa satisfação por participar da comemoração de um “grande vulto da cultura nacional, e que se distinguiu, especialmente, no campo da História pátria” (CURSO..., 1953, p. 151). Aqui, está inserido Capistrano de Abreu num determinado campo através do recurso discursivo. Este é mais taxativo que argumentativo. É uma informação compartilhada pelos ouvintes a que Capistrano teve maior inclinação à História, amiúde acrescida do adjetivo “pátria”. Não se trata de uma questão, mas de um ponto passivo que serve de desencadeador dos debates que se quer trazer à tona. Tais debates se darão dentro do campo que já está demarcado, o qual por todos é reconhecido. Assim é que nenhum dos assuntos aludidos por Monteiro parecem transgredir o campo virtual da História, ainda que o conferencista aponte rapidamente que Capistrano se dedicou a outras disciplinas.

⁵ Francisco Mozart do Rego Monteiro, nascido no Ceará em 1896, se notabilizou enquanto jornalista e professor de história. Bacharel em ciências jurídicas e sociais, trabalhou como professor secundário na Escola Normal do Rio de Janeiro e no Colégio Pedro II. Foi sócio correspondente do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará e da Academia Portuguesa de História. Em 1949 se tornou sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Capistrano de Abreu está localizado, no discurso, entre as fronteiras da História pátria. É também dentro desse campo que o emissor se põe: “Quanto ao meu caso, no campo da História, já me sinto feliz: porque, entre outras coisas, posso reler e meditar a obra notável desses dois cearenses – o Barão de Studart e Capistrano de Abreu – um, o maior historiador do Ceará; o outro, o maior historiador do Brasil” (CURSO..., 1953, p. 153).

Portanto, o lugar de fala reivindicado é o mesmo do ocupado pelo objeto/sujeito cuja vida está sendo verbalizada. Todo o debate se dá sob os olhos de Clio, que estabelece a bênção e a maldição diante dos seus asseclas. Para alcançar a sua bênção, e a felicidade professada por Monteiro, deve-se dominar certos valores empíricos e conhecer o passado sacralizado do campo. A base de pertencimento à coletividade historiadora é a memorização dos seus mártires. O conferencista dá por certo que, assim como ele, os “cultores de nossas letras históricas” admiram a Capistrano de Abreu (CURSO..., 1953, p. 151), homem que parece ter se tornado patrimônio irrefragável da memória compartilhada por estudiosos de História. A esse respeito, vale destacar que Monteiro, em outro momento da conferência, define o campo histórico como “memória coletiva da posteridade” (CURSO..., 1953, p. 155).

No intento de demarcar com minúcia as fronteiras que separam o campo da História do que lhe é exterior, Monteiro elege um Outro que servirá, mais de uma vez, como antítese do lugar de onde ele fala e das posturas típicas do historiador ideal. Esse Outro elegido é a literatura, o romance, o literato e o romancista. Na sua introdução, relata o enfrentamento de uma enfermidade na visão que dificultou seus estudos preparatórios para o Curso. Nesse ponto, usa um recurso de comparação entre o romancista e o historiógrafo: “Se eu fosse romancista, escreveria, pelo menos, uma novela sobre a vida dos olhos: como eles nascem, como eles vivem, como eles amam, como eles sofrem, como eles morrem. Como, porém, eu não seja romancista, falo apenas como historiógrafo” (CURSO..., 1953, p. 153).

Trata-se de uma escolha de elaboração retórica, já que não havia nenhum imperativo externo para que Monteiro se referisse à figura genérica do romancista. Sua conferência não era sobre as diferenças entre este e o historiógrafo. O que explica sua alusão é a vontade de demarcação do campo, o que lhe pareceu muito conveniente fazer numa conferência sobre Capistrano de Abreu. A comparação não parou por aí.

Numa seção de sua conferência denominada “Revelação de Capistrano como historiador”, Monteiro procurou escavar a origem da suposta vocação de “historiógrafo” no correr da vida do homenageado. Afirmou sua obstinação em fazê-lo “À luz de documentos e

não por meras conjecturas” (CURSO..., 1953, p. 155). Isso porque a investigação por conjecturas seria procedimento alheio ao do historiógrafo, e atributo da crítica literária e mesma da História da Literatura. Nessa passagem, para além de uma diferenciação entre campos, existe a asserção de superioridade do método histórico pautado pelos documentos em relação ao que se faz no campo literário. A história, quando se ocupa da literatura, negaria sua raiz metodológica e se entregaria às conjecturas. A história da literatura, por isso, não seria história.

Não é do escopo do presente estudo averiguar se havia razão nos juízos de Monteiro acerca da crítica literária e da História da Literatura de sua época. O que importa aqui é a utilização retórica desses campos enquanto um exemplo negativo para o fazer, em duplo sentido, do bom historiógrafo. Ademais, se nota que a separação estrita entre a história e a literatura não faz sentido como maneira de entender toda a carreira intelectual de Capistrano de Abreu. Entre 1874 e 1881, o autor cearense muito se ocupou de análises literárias⁶ que tinham sempre uma natureza histórico-sociológica. Nesses casos, é possível ver nesses textos já uma orientação historiográfica, como os interpreta Sousa (2012), mas é inegável a confluência da sociologia de matriz spenceriana e comtiana. Salienta-se também o lugar dos temas geográficos na interpretação que Capistrano faz da literatura nacional, inspirado na *History of Civilization in England* (1857), de Henry Thomas Buckle. Percebe-se que tais estudos literários não se circunscreviam à história, enquanto demonstram que desde cedo Capistrano cultivou o hábito de agregar diferentes campos do saber para compreensão de temas nacionais.

Ainda noutra parte de seu estudo, o conferencista rotula José Veríssimo, contemporâneo de Capistrano, como “notável historiador literário” (CURSO..., 1953, p. 162). Ao lembrar da avaliação de Veríssimo sobre os feitos intelectuais de Capistrano, ele contesta sua validade: “Fora do aspecto puramente literário, estaria Veríssimo em condições de julgar a obra historiográfica de Capistrano?” (CURSO..., 1953, p. 162). E para que não reste alguma dúvida, Monteiro arremata que a “[...] História, como deve ser concebida, escrita e

⁶ A exemplo: *Perfis Juvenis*, ensaios críticos sobre Casemiro de Abreu e Luís Junqueira Freire publicados por Capistrano aos vinte anos de idade e publicados no Maranguapense em 1874. *A literatura brasileira contemporânea*, conferência pronunciada em Fortaleza e publicada no O Globo do Rio de Janeiro em 1875. *Camões de perfil*, artigo publicado em meio às comemorações do tricentenário da morte de Luís de Camões em 1881 na Folhinha Laemmert.

interpretada no século atual, - não é literatura” (CURSO..., 1953, p. 162). Aqui aparece a intenção de demarcar quem estaria e quem não poderia estar habilitado a julgar a obra de um historiador. Apenas membros da própria corporação podem lhe dar ou lhe negar valor. Em decorrência, somente no seio do campo é que uma obra historiográfica tem viço ou apodrece.

Aliás, quando reclama a publicação da correspondência de Capistrano de Abreu, que em 1953 ainda era em sua maior parte de acesso restrito na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, Monteiro sempre se refere aos historiadores como aqueles a quem poderia interessar tal descortino do arcabouço de cartas ativas e passivas do autor cearense. De maneira que tanto a representação do homem, como a autoridade de julgar a sua obra e o manejo dos vestígios materiais de sua existência formariam patrimônio do grupo historiador.

Outra constância no discurso de Monteiro é a ênfase ao imperativo do documento. A dupla máxima é: “História só se escreve com documento. Sem documento [...] não há História” (CURSO..., 1853, p. 161). A máxima é reiterada ao longo da conferência com o objetivo de justificar o orador e sua oração. Daí, só é possível falar de e para historiadores respaldado pela pedra de esquina do seu ofício que é o documento comprovador da verdade, quando bem examinado. O que corrobora com a insistência de Monteiro é a sua consideração de que Capistrano foi, no Brasil, o que mais honrou o princípio teórico-metodológico do exame documental. O zelo e preparo do autor cearense pela boa interpretação do documento histórico é fora de questão, atestada por diversos estudos recentes em âmbito acadêmico (Pereira, 2002; Oliveira, 2006; Gontijo, 2006; Sousa, 2012). O documento e o seu uso rigoroso para a pesquisa histórica praticado por Capistrano é uma base sólida sobre a qual o discurso memorialístico se arvora. Pareceu conveniente ao conferencista dar certas pinceladas de metodologia histórica numa homenagem a Capistrano, mais do que seria com qualquer outro autor ou intelectual. Essa é uma marca do pragmatismo retórico dos discursos memorialísticos sobre Capistrano. Não se trata tão-somente de lembrá-lo, mas de defender uma posição historiadora que é um tipo ideal verbalizado de comportamento científico. Essa abordagem acaba por escamotear momentos da produção de Capistrano onde não se pode encontrar a moderna metodologia dos historiadores, como é o caso com os seus textos de crítica literária na década de 1870.

Aqui, resgata-se uma reflexão de Jacques Le Goff acerca da memória coletiva. Algumas de suas características são apontadas: “[...] é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado” (1990, p. 29). Desses atributos da memória coletiva, um se sobressai em certo momento da conferência pronunciada por Monteiro, quando ele dá outra forma, ou deforma, palavras de Capistrano escritas ao presidente do IHGB em 1917. Na ocasião, Capistrano está recusando, por meio de missiva, a medalha de ouro do IHGB concedida pelo seu estudo com a língua caxinauá publicado em 1914. Monteiro afirma recitar a íntegra da carta, que não foi encontrada nos três volumes da Correspondência de Capistrano de Abreu publicada em 1976 por José Honório Rodrigues. Num trecho da alegada carta, Capistrano faz menção a Ramiz Galvão, que foi seu chefe de 1879 a 1883, quando trabalhou como oficial concursado da Biblioteca Nacional: “[...] acompanhou-me os primeiros passos nos estudos a que o Instituto Histórico tem dado impulso e direção, desde 1838” (CURSO..., 1953, p. 169). Em seguida, Monteiro procura esclarecer o conteúdo da missiva, tecendo algumas explicações. É quando ele deforma o trecho acima citado de maneira a fortalecer a sua retórica demarcadora. Recorta a expressão “os primeiros passos” e lhe acrescenta “nos estudos históricos” (CURSO..., 1953, p. 169). Ora, está provada a manipulação do conteúdo da carta. O conferencista, certamente bem-intencionado, parece resumir “os estudos a que o Instituto Histórico tem dado impulso e direção” apenas aos “estudos históricos”. Tal redução do escopo de estudos promovidos pelo IHGB no século XIX ignora uma diversidade de investimentos nas áreas de geografia, etnografia, linguística, arqueologia, entre outras (GUIMARÃES, 1988; KODAMA, 2005).

Tal deformação de cunho retórico pode parecer mero deslize do orador ou algo sem importância. O apontamento dela talvez soe exagerado, já que se tratava de um discurso de homenagem, num evento onde havia uma aura emotiva e nostálgica que perpassava a todos. Todavia, já se mostrou como Mozart Monteiro quis dar lições de teoria e metodologia históricas durante o discurso. Se colocou do ponto de vista de um especialista do “campo”, recriminando aqueles que confundem Teoria da História, Metodologia da História e Filosofia da História (CURSO..., 1953, p. 162). Insistente e ostensivamente procurou dar provas de sua lealdade à verdade dos documentos, como quando cita algumas das famosas anedotas sobre Capistrano. Portanto, não há apenas uma face nostálgica e personificada em seu discurso, mas um poderoso ímpeto disciplinador do campo, que ultrapassa em muito a figura do

homenageado do evento. Sendo assim, a deformação de uma citação por um seguidor confesso de Clio não é de pouca importância. Significa que, para fazer a ênfase cair sobre os estudos históricos e o campo histórico, o conferencista comete uma transgressão capital do método por ele tão defendido. No esforço de enquadrar toda vida e obra de Capistrano de Abreu sob os auspícios da história, se rende à mãe memória. A história é filha da memória. Nesse lance, a memória serve à história.

O esforço de memória que vela pela afirmação de Capistrano-historiador, como representação coletiva e disciplinadora, não se restringe à conferência final do Curso. Esse tema se espalha por todos os discursos, em alguma medida. Mas ganha um tom ostensivo e taxativo em três deles. A saber, as conferências de Mozart Monteiro, Barbosa Lima Sobrinho (Capistrano – Historiador) e Mucio Leão (Capistrano de Abreu e a cultura nacional). Para ambos os oradores, não bastou sublinhar as diversas relações entre Capistrano e a História. Lhes pareceu necessário ou conveniente estabelecer uma arena discursiva de guerra disciplinar, na qual, como juízes da peleja, determinaram o triunfo da História sobre outras áreas do conhecimento. Disso pode se depreender que nenhum deles negou a Geografia, a Etnografia, a Antropologia ou a Linguística como dignas de menção pelo interesse que suscitaram ao autor cearense. Não há plena ocultação dessas áreas nas abordagens que fizeram os três conferencistas. No entanto, existe nelas uma vontade de hierarquização que corroborou na construção de uma ênfase disciplinar, bem colocada por Mozar Monteiro: “Capistrano cultivou várias ciências; mas era acima de tudo, historiador” (CURSO..., 1953, p. 155). A afirmação do historiador pressupõe a marginalização retórica de outras áreas, fossem quais fossem. Por vezes as outras áreas ficam inomináveis, outras vezes são vaga e rapidamente citadas. Elas não podem se encaixar no quadro montado senão pela sua miniaturização.

Vê-se que a clivagem não está posta entre o dito e o indizível (Pollak, 1989), mas entre o enfatizado (História) e o marginalizado (todas as outras ciências). Não é um ultraje a Clio referir-se, por exemplo, aos estudos linguísticos de Capistrano com a gramática Caxinauá. Seria ultraje se a direção do discurso se desviasse de uma tradição já reconhecida, numa espécie de leitura a contrapelo que pudesse causar uma tensão de memória. Ao contrário, o que fazem os conferencistas é extirpar, pela repetição de uma memória continuante, possíveis focos de indefinição ou ambiguidade. A reafirmação de Capistrano-

historiador se vale da criação de um “Outro” homogêneo, arca renegada que acumula as outras ciências, mencionada, mas deixada no porão da memória.

A exaltação da história por Barbosa Lima Sobrinho

Na primeira frase de sua oração, Barbosa Lima Sobrinho⁷ declara: “Capistrano de Abreu – Historiador, assunto de nossa reunião de hoje, pode-se dizer que abrange todo Capistrano” (CURSO..., 1953, p. 67). Está exposta aí a totalização retórica que assimila o homem ao campo, justificada da seguinte maneira por Sobrinho:

Não que ele se houvesse circunscrito, nos seus estudos, ao domínio da história. Seus trabalhos em outras províncias do conhecimento, na Geografia, na Etnografia, na Linguística, bastariam para a consagração de seu nome e para a glória de seu centenário de nascimento. Mas foi, de certo modo, na história, que ele conquistou seus mais refulgentes lauréis. Podemos dizer, ainda mais precisamente, que Capistrano de Abreu viveu dentro da História. Suas outras atividades científicas aparecem, sem prejuízo do merecimento da obra realizada, como se fossem excursões, vilegiaturas, digressões de um espírito fascinado pelos assuntos históricos. Chegamos, às vezes, a pensar que esses graves assuntos, a Geografia, a Etnografia, a Linguística, foram o seu descanso, as horas de lazer e de recreação dessa inteligência, que não conheceu outra alegria, nem teve outro ideal que a alegria e o ideal do trabalho ininterrupto. Por isso, os estudos de Geografia, de Etnografia, de Linguística, vão surgindo à margem dos escritos e das pesquisas históricas, que tomam toda sua vida, que constituem o assunto quase exclusivo de suas conversas, o centro das grandes amizades que cultivou, a obsessão de sua copiosa correspondência (CURSO..., 1953, p. 67).

A longa citação se explica por nela estarem presentes vários dos aspectos interessantes a essa análise. Para livrar-se da prolixidade, basta assinalar algumas expressões importantes:

⁷ Barbosa Lima Sobrinho, nascido no Recife em 1897, formado em Ciências Jurídicas e Sociais em 1917, teve carreira política e acadêmica de destaque. Trabalhou como jornalista tanto em Pernambuco como no Rio de Janeiro. Entre 1953 e 1954 fora presidente da Academia Brasileira de Letras, o que pode ter contado para que fosse um dos conferencistas do Curso Capistrano de Abreu. Fora sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) desde 1931. Também fora sócio da Sociedade Brasileira de Geografia.

Tabela 1 – Capistrano de Abreu no discurso de Barbosa Lima Sobrinho

Tópicos	Expressões
Menção a outras áreas	“[...] em outras províncias do conhecimento, na Geografia, na Etnografia, na Linguística [...]”
Ênfase à História	“Mas foi, de certo modo, na história, que ele conquistou seus mais refulgentes lauréis.”
Assimilação do homem ao campo	“[...] Capistrano de Abreu viveu dentro da História.”
Hierarquização das áreas	“[...] a Geografia, a Etnografia, a Linguística, foram o seu descanso, as horas de lazer e de recreação dessa inteligência[...]”
Marginalização retórica	“[...] os estudos de Geografia, de Etnografia, de Linguística, vão surgindo à margem dos escritos e das pesquisas históricas [...]”

É uma atitude retraída e ameaçada a que assumem os conferencistas. Isso porque Capistrano de Abreu é reconhecido majoritariamente como historiador ainda em vida. Ademais, é, primeiro, pelos seus contemporâneos que ele é ascendido ao topo da pirâmide qualitativa dos historiadores brasileiros (Gontijo, 2006; Gontijo, 2018). Logo, não havia grandes polêmicas sobre em que área de estudos Capistrano mais se destacara. Era senso comum entre os examinadores que à História caberia sua lembrança e perpetuação. A despeito disso, Sobrinho erige uma arena de embate, no âmbito do discurso, onde Geografia, Etnografia e Linguística são ameaças ao trono da História. Nesse território em disputa que é a memória capistraniana não há condição de divisão pacífica. Algum dos disputantes tem que se sobrepor aos demais. Estes devem ser marginalizados a pequenos feudos sintáticos cuja subsistência depende do grande reino da História. Existe, na argumentação de Sobrinho, uma cerração de domínios disciplinares, impossibilitando zonas de interesse mútuo e sinergia. Essa representação não parece ser acorde com a prática de pesquisa de Capistrano de Abreu. Em 1906, quando escrevia o que veio a se tornar seus *Capítulos de História Colonial*, Capistrano escreveu a seu amigo Francisco Ramos Paz, relatando-lhe suas labutas com a escrita do livro. Disse, então, estar “trabalhando a toda força num esboço histórico e

geográfico do Brasil” (Abreu, 1977, p. 26). Evidencia-se nessa passagem que a sua obra de maior alcance e que se tornou cânone nos compêndios de historiografia brasileira fora concebida na interface da histórica com a geografia. Não se vê tentativa, nos textos escritos por Capistrano, em hierarquizar campos do saber. Ao contrário, seus trabalhos são amiúde fruto da convergência e colaboração entre eles.

O caso aqui é que a cerração de domínios disciplinares é uma estratégia retórica para definição de um quadro de memória totalizante. Como investimento de memória, também é anacrônica (Le Goff, 1990). Esse último aspecto já fora notado:

Em vida, Capistrano desenvolveu estudos considerados complementares, como a lingüística e a etnologia indígena, a história e a corografia, cujos limites eram difíceis de estabelecer. Após sua morte, operou-se uma partilha dos campos de conhecimento ainda em formação. Coube à História e não à Antropologia ou à Geografia, incluí-lo como marco referencial na história da disciplina, confirmando a tendência já apontada por seus contemporâneos, que o reconheciam como o “maior historiador do Brasil” (Gontijo, 2006, p. 107).

A partilha dos campos de conhecimento no Brasil ocorre de forma institucionalizada a partir da década de 1930, com a criação de Universidades, Conselhos nacionais e programas específicos para o ensino das ciências humanas. Em 1953, quando ocorre o Curso, as divisas entre disciplinas estão em processo avançado de constituição, o que distancia essa época da vivenciada por Capistrano de Abreu, da segunda metade do século XIX à década de 1920. Quando o autor cearense vive, as relações interdisciplinares eram conformadas por outras vias que não a universitária. História e geografia formavam um par disciplinar (Guimarães, 1988) cujas pesquisas e resultados científicos por vezes ocupavam um mesmo campo. Este, em grande medida, era influenciado por uma ideologia nacionalista e diretamente organizado pelo governo imperial. É o aparato estatal, em grande medida, que determina a sinergia de História e Geografia visando a criação de uma identidade brasileira enquanto nação, território e Império herdeiro da Coroa de Bragança.

Esse breve mergulho ao século XIX serve para mostrar que a cerração de domínios, operada por Barbosa Lima Sobrinho em sua conferência, é anacrônica por impor fronteiras interdisciplinares intransponíveis sobre uma obra, a de Capistrano, produzida em período de permeabilidade disciplinar entre História e Geografia. Já os estudos etnográfico-lingüísticos perpetrados por Capistrano tomaram muito do seu tempo de pesquisa e produção escrita,

não podendo ser vistos como subalternos ou marginais em relação aos estudos históricos. Essa constatação é feita, em tom de crítica à memória sobre Capistrano, por Amed (2006, p. 66): “Desde sempre, ele foi tomado como um historiador, apesar de ter se detido, por muitos anos de sua vida, no estudo das línguas e costumes indígenas”.

A hierarquização de Múcio Leão

Múcio Leão⁸, na conferência “Capistrano de Abreu e a cultura nacional”, também alude a outras ciências cultivadas pelo autor cearense: “Sua contribuição é magnífica no terreno da geografia, da etnografia, da antropologia, da linguística, do folclore [...]” (CURSO..., 1953, p. 110). Rapidamente, se reconcilia com a tradição: “[...] é sem igual no terreno da história” (CURSO..., 1953, p. 110), um pouco mais a frente, não deixa nenhum grau de dúvida quanto a qual “terreno” Capistrano cultivou com maior maestria: “Mais importante do que a contribuição que nos deu no terreno da etnografia e da linguística, foi sem dúvida a contribuição que nos deu no terreno da história” (CURSO..., 1953, p. 111). Uma verdadeira confissão de fé da parte de Múcio Leão. O grau de importância do que fez Capistrano está medido pelo seu aspecto de legado. O conferencista parece saber a medida das contribuições de Capistrano em cada área de conhecimento e afirma que o tamanho do autor cearense na história é sem par em outras áreas. Isso se justifica por estar abordando o legado de Capistrano em relação à cultura nacional, um território muito mais amplo e versátil. É desse pedestal que ele assevera a prioridade da história comparativamente à etnografia e linguística. Mas quais os critérios válidos para a comparação entre esses domínios? Eles não são ditos, porque essa não é uma questão, mas um dado. Essa a atitude de Leão, como de outros conferencistas do Curso. A tônica memorialística está em Capistrano-historiador, que é o substrato de um inconsciente coletivo cujas derivações são a exaltação corporativa e a pedagogização da vida transformada em patrimônio. No desenhar dessa memória demarcatória, ignora-se que os estudos etnográfico-linguísticos foram, em certos momentos da vida de Capistrano, preferidos aos estudos históricos. Em carta de 1909,

⁸ Múcio Carneiro Leão, nascido no Recife em 1898, bacharelou-se em Direito em 1919. Fez carreira como jornalista e literato no Rio de Janeiro. Não se notabilizou como historiador, tendo escrito e publicado inúmeros textos poéticos, analíticos e biográficos. Fora eleito sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1951.

Capistrano escrevia a Guilherme Studart em um momento em que pretendia preparar a 2ª edição dos *Capítulos de História Colonial* e, simultaneamente, trabalhava junto a nativos do povo caxinauá para conceber uma gramática de sua língua. O autor confessava a seu amigo uma pausa nos estudos relacionados à história pátria enquanto tratava de estudar a língua caxinauá:

Com este episódio linguístico desviei-me inteiramente da história pátria; não continuei a narrativa, como pretendia, nem mesmo comecei a revisão e redistribuição do já feito. Às vezes lastimo, às vezes dou por bem emprego do tempo. Se todos os anos tivesse um índio para me ocupar, daria de mão às labutações históricas (Abreu, 1977, p. 182).

A narrativa totalizadora da memória sobre Capistrano por vezes tentou acomodar a etnografia e a linguística como estudos subsidiários da história. Analisando a biografia do cearense publicada por Alba Nascimento em 1931, Silva (2008, p. 101) assevera: “a etnografia também apareceu como uma das disciplinas contribuintes à escrita da história”. A busca por estabelecer um tipo de complementação entre os estudos históricos e os etnográfico-linguísticos aparece muito depois em textos acadêmicos. Sem pretender equiparar o texto biográfico com o acadêmico, aponta-se que, com diferentes argumentos, pesquisadores universitários farão também essa ligação. Gontijo (2010, p. 28), se referindo aos estudos linguísticos sobre o Bacaeri realizados por Capistrano, defende que “[...] longe de ser um investimento excêntrico e desviante, parecem complementar seus estudos históricos [...]”. A autora reconhece que Capistrano viu o estudo de línguas indígenas como um afastamento das labutas históricas, no entanto, argumenta que a ânsia dele por revelar os fatores aglutinadores da nacionalidade brasileira, em contraposição aos fatores centrífugos, uniu a história à etnografia e à linguística. Nesse sentido, conhecer as línguas nativas seria revelar o indígena e sua cultura como agentes originadores do Brasil-nação, o que justificaria a concepção de uma História do Brasil compromissada com o seu passado e o seu futuro.

Considerando relevante a interpretação de Gontijo (2010) de que a etnografia e a linguística indígenas podem ser postas em contato com o projeto de história do Brasil de Capistrano de Abreu, é preciso asseverar o grau de autonomia desses campos de estudo. Christino (2006) mostrou que a linguística praticada por Capistrano entre o fim do século XIX e primeiras décadas do século XX tinha metodologia clara e compartilhada por

pesquisadores especialistas com os quais o autor cearense manteve rica troca de informações e opiniões. Esse grupo de dedicados às línguas nativas do Brasil possuía suas referências teóricas, reconheciam autoridades nos assuntos que tomavam seu interesse, valorizavam procedimentos de pesquisa específicos que excluía amadores e aventureiros de seu campo de investigação. Para além disso, tinham seus próprios objetivos científicos e sociais. Dentro desse grupo, Capistrano fora valorizado como pioneiro e referência em termos de método e resultados de pesquisa, especialmente pela publicação de *Rã-txa hu-ni-ku-i* em 1914. Diante dessa configuração, Christino (2006, n.p.) responde diferentemente de Gontijo (2010) à tese de que os estudos etnográfico-linguísticos foram uma fuga dos estudos históricos para Capistrano: “Capistrano de Abreu escreveu o *rã-txa hu ni-ku-~* não por uma necessidade de fuga, mas porque era também um sul-americanista”. Assim, afirma-se a autossuficiência de Capistrano enquanto etnógrafo-linguista, ou sul-americanista, sem necessidade de justificação pela mediação com o Capistrano-historiador. Essa assertiva não invalida a possibilidade de enxergar pontos de diálogo entre essas duas faces do mesmo homem.

José Honório Rodrigues e o nascedouro da historiografia brasileira

Rodrigues⁹ lida excepcionalmente em sua oração com a questão da dedicação de Capistrano a outros campos de conhecimento. Diz-se “excepcionalmente” porque a maioria dos demais conferencistas não encara a questão de frente. Mesmo que aludindo à Geografia, à Etnologia e à Linguística como campos de interesse do homenageado, o fazem de modo tangencial, logo se esquivando pela afirmação da preponderância da História. Diferentemente, Rodrigues não faz alusão, mas examina, ainda que brevemente, e dá importância aos campos de conhecimento afora a História na vida e obra intelectual de Capistrano. No entanto, o faz de tal maneira que seja possível manter a coerência do seu discurso historiográfico. A busca por coerência significa, inversamente, a fuga de potenciais tensões que põem em risco o quadro pretendido.

⁹ José Honório Rodrigues nasceu no Rio de Janeiro em 10 de setembro de 1913. Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil em 1937. Exerceu o magistério em história em nível superior em instituições como Universidade Católica do Rio de Janeiro, a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e da Sociedade Capistrano de Abreu.

O reconhecimento da contribuição de Capistrano à Etnografia é feito pontualmente: “O conceito de cultura substitui o de raça: seus estudos indígenas renovaram nossa etnografia” (CURSO..., 1953, p. 134). É o caso da Geografia que mais chama a atenção. Para Rodrigues, não há incoerência em atestar e valorizar as influências da Geografia no pensamento e nos trabalhos escritos de Capistrano a partir da década de 1880 ao mesmo passo que se constrói a sua imagem de historiador por excelência. É claro que proceder dessa forma não era problema num ambiente de densa tradição onde falar Capistrano era falar história e falar grande historiador da pátria. Contudo, não é nessa tradição memorialística que o conferencista se apoia. Há um notável distanciamento entre Rodrigues e o que lhe precede em termos de interpretação da vida e obras de Capistrano de Abreu. Isso se deve provavelmente à instauração de um discurso que se quer historiográfico e não memorialístico.

Um tema fulcral para Rodrigues é caracterizar o que para ele constitui uma virada teórico-metodológica na produção de Capistrano entre o fim da década de 1870 e início da década seguinte. Trata-se do abandono do “positivismo histórico” em favor do “realismo histórico”. Aquele representado por autores europeus como Hippolyte Taine, Henry Buckle e Herbert Spencer, os quais muito espaço ocuparam na mente do jovem Capistrano. A virada para o “realismo histórico” é, na leitura de Rodrigues, consequência da germanização do seu espírito. Especificamente, se refere aos “métodos crítico-históricos do pensamento alemão, onde a repercussão do positivismo foi quase nenhuma” (CURSO..., 1953, p. 124). Nesse ponto se destaca a citação de Leopold von Ranke, cujo métodos de seminário Capistrano conheceu. Ademais, existe um outro grupo de influências alemãs que engloba vários autores igualmente decisivos na gradual prevalência do “realismo histórico”. Ressalta-se a presença da antropogeografia, criada por Friedrich Ratzel na década de 1880. Veja-se como Rodrigues interpreta esse traço na conduta intelectual de Capistrano:

As traduções de Wappaeus (1884), Sellin (1889) e Kirchhoff (1909) e as leituras de Ratzel, Peschel, Ernst Friedrich, Wagner, Semple, Maull mostram a decisiva orientação geográfica e encaminham seu espírito para quadros teórico-práticos mais concretos, que não reduzem o conhecimento histórico ao conhecimento próprio da ciência natural, nem submetem a vida histórica a uma assombrosa simplificação dos problemas [...] (CURSO..., 1953, p. 125).

Percebe-se a relevância conferida por Rodrigues à “orientação geográfica” em Capistrano. A ela, como aos métodos rankianos, se deve a conversão de Capistrano a uma nova epistemologia da História. A luta travada por Rodrigues em meados da década de 1950 por uma História científica tem sua própria história, cujo primeiro grande combatente fora Capistrano. Nesse sentido, também, Rodrigues vê o autor cearense como seu antepassado e pioneiro do campo da História. O modelo de Capistrano é perfeito para o discurso beligerante adotado pelo conferencista, já que resume não um estado, mas uma superação historiográfica. É possível avistar em um mesmo homem dois estados do conhecimento histórico, um reducionista e outro científico. Sua biografia é a biografia da disciplina histórica no Brasil, por um tempo adstrita aos dogmas positivistas e, enfim, munida das ferramentas metodológicas garantidoras de um status digno de ciência moderna. Mas essa vitória ainda não é completa em 1953, quando o positivismo ainda paira na atmosfera intelectual do mundo. Sua anulação deve ser, portanto, contínua. É nesse intento que se justifica o discurso de Rodrigues, que é um ato de defesa e de ataque disciplinares.

A importância da “orientação geográfica” não é omitida, mas se subsume no discurso sobre a transformação de Capistrano em historiador científico. Conhecer a geografia alemã e, mais especificamente, a antropogeografia de Ratzel foi etapa importante da formação científica de Capistrano. Essa formação, contudo, sempre é a de um historiador. Tal leitura não é totalmente arbitrária, já que a geografia raramente aparece separada da história nos textos do autor cearense. Todavia, o contrário também é verdadeiro. Quase nenhum de seus trabalhos tem a palavra geografia no título. Mas não seria possível um bom exame da obra de Capistrano sem dedicar espaço considerável a essa área do conhecimento. Rodrigues sabia disso. Fica evidente que para ele não há contradição alguma em interpretar a geografia como parte integrante da formação científica de Capistrano, em particular, e do historiador moderno, em geral. Isso só se compreende através da menção a outros textos do conferencista nos quais expõe em minúcia sua visão acerca da ciência histórica.

No primeiro volume de *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*, cuja primeira edição data de 1949 (antes do Curso Capistrano de Abreu, 1953), Rodrigues (1957, p. 311) considera que a parte visceral do conhecimento histórico não é a metodologia que guia o trato com os documentos, mas a “compreensão interior do material”. Para ele, o essencial seria “A descoberta das ligações dos fatos históricos baseada na filosofia e nas ciências sociais [...]” (Rodrigues, 1957, P. 311). É aí que a teoria e a filosofia da história

intervêm. Enquanto a filosofia da história “depende da concepção do mundo e do homem”, a teoria “nasce dos contatos de vizinhança da história com a economia, a antropologia, a geografia, etc” (Rodrigues, 1957, p. 313). Vê-se que não há história científica, segundo Rodrigues, sem a adesão às demais ciências sociais. A partir delas se forma a teoria que, junto à filosofia, rege a interpretação dos fatos históricos. Sem elas, a história seria mera crônica e, logo, desprovida de caráter científico.

Está no cerne da concepção de história advogada por Rodrigues a sinergia com as ciências sociais, a partir do que a história ascende ao patamar de ciência. Lançando mão de um termo que Rodrigues não utiliza, pode-se dizer que a interdisciplinaridade não vem *a posteriori* da ciência histórica, como opção plausível a esta, mas é *a priori*, necessária, condição *sine qua non*. Daí a naturalidade com a qual a geografia está subsumida à história na interpretação da carreira intelectual de Capistrano. Ademais, essa formulação passa pela busca por constituir um campo para a história do e no Brasil.

Como já se afirmou, Rodrigues não ampara seu discurso na tradição memorialística que se formou logo após a morte de Capistrano e que o consagrou historiador por excelência desde sempre. Essa tradição é nostálgica, intimista, pessoal e afetiva. Nela, amiúde se dispensa a análise objetiva e a tônica recai na ratificação do já dito. Diferentemente, Rodrigues não apela ao discurso repetidor, embora também seja consagrador. No entanto, a consagração de Capistrano como historiador excelente se dá, no seu caso, sobretudo pela via da análise teórico-metodológica. Se preocupa mais que qualquer outro dos conferencistas com o apontamento objetivo e minucioso das qualidades profissionais do historiador. Conscientemente, ele fala a partir de um campo de estudos cujas fronteiras se dispõe a desenhar, o que começara a fazer em 1949. Parte do seu trabalho de construção do campo da história da historiografia brasileira se dá pela abolição de discursos marcadamente nostálgicos. Quando analisa Capistrano de Abreu e sua obra, não justifica o que diz por ter com ele convivido e não faz grandes ligações entre a personalidade do cearense e suas atitudes enquanto pesquisador. A negação do homem Capistrano, que aparece tão carinhosamente em outras conferências, é acompanhada pela ênfase em seus dotes científicos. Pode-se dizer que seu legado intelectual perpetuado pela historiografia suplanta sua existência temporal humana. Assiste-se, durante o Curso Capistrano de Abreu, a uma ascensão da história em rebelião ao trono da memória. Esta, se não obliterada, será em breve domesticada e posta à parte. Nas reflexões de Nora (1993), isso significa o fim da

memória viva. Rodrigues é um dos que, no Brasil, se voluntaria a cavar sua cova, erguendo, em paralelo, os muros da história emancipada. Capistrano, seu objeto glorificado, é pedra, cal e água nessa empreitada.

Considerações finais

Procurou-se demonstrar, pela análise das conferências, que o Curso Capistrano de Abreu foi palco físico e simbólico para uma arena discursiva de embate. O objetivo explícito dos conferencistas fora dar à história o lugar central no quadro de memória desenhado para Capistrano de Abreu. As possíveis tensões a esse enquadramento foram devidamente domesticadas por uma retórica hierarquizadora. A geografia, a literatura, a sociologia, a linguística e a etnografia não ficam fora do quadro, mas às suas margens. São evocadas como partes contribuintes de algo maior que é a vida do Capistrano-historiador, síntese perfeita da vida de Capistrano de Abreu. A vinculação retórica entre o homem e sua significação para a historiografia brasileira é mais importante, para os conferencistas, do que sua localização como grande nome da cultura nacional. Esta última é abrangente demais para o tipo de pedagogia disciplinar do Curso. Em outras palavras, a preocupação em ensinar sobre metodologia da história, história moderna e história da historiografia, no intuito de formular uma memória historiográfica, se sobrepõe a quaisquer menções a Capistrano como erudito, intelectual, polígrafo ou homem de letras. Termos inadequados para patentear a pretendida preferência de Capistrano pela história e, inversamente, a eleição pela historiografia de Capistrano como seu bem imaterial. Estão assim em sinergia os discursos memorialístico e o historiográfico no intuito de garantir à história um modelo de bem-fazer que é Capistrano de Abreu.

Referências:

ABREU, Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu*, vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1977.

CHRISTINO, Beatriz Protti. *A rede de Capistrano de Abreu (1853-1927): uma análise historiográfica do rã-txa hu-ni-ku-~i em face da Sul-americanística dos anos 1890-1929*. 2006. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, Departamento de Linguística, São Paulo, 2006.

CURSO Capistrano de Abreu. *Revista trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 221, p. 44-245, out./dez. 1953.

GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. 2006. 323 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2006.

GONTIJO, Rebeca. Capistrano de Abreu (1853-1927). In: PARADA, Maurício; RODRIGUES, Henrique Estrada (orgs.). *Os historiadores clássicos da história do Brasil*, vol. 4: dos primeiros relatos a José Honório Rodrigues. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018.

GONTIJO, Rebeca. Capistrano de Abreu, viajante. *Revista brasileira de história*. São Paulo, v. 30, nº 59, p. 15-36, 2010.

GOOGLE. Google, s.d. Símbolo o que é. Disponível em:

https://www.google.com/search?q=s%C3%ADmbolo+o+que+%C3%A9&sca_esv=582270765&sxsrf=AM9HkKIVuvJXMxG63ZyHiAKDrZwlx9ayag%3A1699968435114&source=hp&ei=s3VTZdneBNba5OUPxPidqA8&iflsig=AO6bgOgAAAAZVODw0jMUybWQ2yvPywvA7sgmNNH_dw_&oq=s%C3%ADmbolo&gs_lp=Egdnd3Mtd2l6lghzw61tYm9sbyoCCAAyBBAjGCcyCBAAGIAEGLEDmGgQABiABBixAzIIEAAYgAQYsQMyCxAAGIAEGLEDGIMBMgUQABiABDIIEAAYgAQYsQMyBRAAGIAEMggQABiABBixAzIFEAAyGARI1hpQAFi4CXAAeACQAQCYAbcBoAGpCaoBAzAuN7gBAcGBAPgBAclCBxAjGIoFGCfCAGsQLhiABBixAxIDaClCBRAuGIAEwgIREC4YgAQYsQMyGwEYxwEY0QM&scient=gws-wiz. Acesso em: 06 de jun. de 2023.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

KODAMA, Kaori. *Os filhos das brenhas e o Império do Brasil: a etnografia no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1840-1860)*. 2005. Tese (Doutorado). PUC-Rio, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1990.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Proj. História, São Paulo, (10), dez. 1993.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. 2006. 178 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PEREIRA, Daniel Mesquita. *Descobrimientos de Capistrano: a História do Brasil "a grandes traços e largas malhas"*. 2002; Tese (Doutorado). PUC-Rio, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2002.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*. 1º v. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. 366 p.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. *Capistrano de Abreu: história pátria, cientificismo e cultura – a construção da história e do historiador*. 2012. 296 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: s.n., 2012.

SILVA, Ítala Byanca Moraes da. *Les morts vont vite: a Sociedade Capistrano de Abreu e a construção da memória de seu patrono na historiografia brasileira (1927-1969)*. 2008. 358 f. Dissertação (Mestrado). UFRJ/IFCS/Programa de pós-graduação em História Social. Rio de Janeiro: 2008.

VERÍSSIMO, José. Capistrano de Abreu. *Revista da Academia Cearense*, Ceará, tomo XV, 1910, p. 202-211.